



UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA DO USO DO *TU* POR FALANTES CULTOS DE FEIRA DE SANTANA*

Jan Carlos Dias de Santana**
Eliana S. Pitombo Teixeira***

RESUMO: *Com base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Quantitativa proposta por Labov (1972), este estudo trata da variação “tu/você”. Assim, pretende-se analisar e descrever o perfil linguístico dos falantes de nível superior da cidade baiana de Feira de Santana, a fim de verificar quais fatores estruturais, discursivos e sociais influenciam no uso dos pronomes em referência à segunda pessoa do discurso.*

Palavras-chave: Variação tu/você; Formas de tratamento; Feira de Santana

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da variação *tu/você*, buscando verificar, por meio de uma análise quantitativa, a influência de fatores que determinam o uso do *tu* entre os interlocutores feirenses de nível superior.

A opção pelos informantes feirenses decorreu do fato de Feira de Santana integrar as localidades estudadas pelo Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano¹ e o interesse pelo tema tomou consistência ao se perceber que o tutear é bastante característico na região, sendo comum a alternância *tu/você*. O *corpus* utilizado na pesquisa foi composto a partir da coleta de registros fônicos e formam uma amostragem constituída de 12 entrevistas.

Este artigo está dividido em três partes. A primeira apresenta um breve histórico em relação ao uso dos pronomes pessoais e das formas de tratamento do Latim vulgar ao Português, mostrando as configurações do sistema linguístico quanto ao tratamento com referência à segunda pessoa do discurso. Na segunda parte, expõe-se a metodologia utilizada na pesquisa. Na terceira, realiza-se a análise dos dados coletados. Finalmente, à guisa de conclusão, fazem-se considerações a respeito dos resultados obtidos.

* Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

** Graduado em Letras com Língua Espanhola da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), membro do grupo de pesquisa ‘Constituição, variação e mudança do/no português’. E-mail: jan.santhana@hotmail.com - Autor

*** Professora Dra. do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana – Orientadora

¹ Este Projeto está em desenvolvimento oficial desde 1998 e faz parte do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), do Departamento de Letras e Artes da UEFS. Tem como objetivo contribuir para o conhecimento da realidade linguística brasileira, quanto ao português falado em localidades do semiárido baiano. Para tanto, já foram mapeadas as localidades de Piabas, Barra dos Negros, Bananal, Mato Grosso, Cinzento, Casinhas, São José das Itaporocas e Matinha e a fase atual do projeto prevê a formação de um banco de dados com registros fônicos da cidade de Feira de Santana que é, ainda, linguisticamente pouco estudada.



1. HISTÓRIA DOS TRATAMENTOS: DO LATIM AO PORTUGUÊS

Em sua estrutura, toda língua possui um sistema de formas que configuram a expressão linguística no ato da comunicação. Dentre essas formas estão os pronomes. Nesta seção, mostra-se um pouco da história dos pronomes pessoais e das formas de tratamento em geral, salientando-se, contudo, que o objeto das minhas reflexões é os pronomes *tu* e *você*.

No Latim, o sistema de indicação dos pronomes tinha como ponto de partida o eixo falante-ouvinte, havendo, assim, formas para indicar o falante (*ego* e *nos*), e, por sua vez, este falante era mencionado indiferentemente por *tu* ou *uos* quando o ouvinte, agora na posição de falante, o dirigia a palavra. No Latim vulgar, empregou-se o demonstrativo *ille* (com sua variante feminina *illa*) para preencher a lacuna da terceira pessoa, ou seja, todos os seres que ficavam fora do eixo falante-ouvinte. (Cf. COUTINHO, 1970; SILVA NETO, 1979) Desse modo, o sistema pronominal latino era composto por dois pronomes pessoais de segunda pessoa: *tu* para singular e *uos* para plural, porém a estrutura relacional dos pronomes pessoais foi alterada, pela convenção social, indicando na forma de plural um só falante ou um só ouvinte. Segundo Aitchison (1993, *apud* TEIXEIRA, 2002):

A origem do tratamento por *uos*, usado como marca de respeito ou deferência a uma pessoa só, remota ao latim tardio. Com a divisão do Império Romano, quando houve dois imperadores – um em Constantinopla, outro em Roma –, ao dirigir-se a ambos ao mesmo tempo, usava-se *uos*. Daí tornou-se um hábito usar a forma plural para se dirigir a qualquer pessoa com autoridade, surgindo, assim, o *uos* cortês.

Assim sendo, além de plural de *tu*, a forma *uos* era usada para mostrar deferência para com um único ouvinte. A princípio, apenas as pessoas de classe social inferior utilizavam a última forma ao se dirigir a algum membro da alta classe social que passou também a utilizar o *uos* como sinal de respeito aos componentes do seu grupo social. É importante ressaltar que as pessoas da classe inferior eram tratadas pelos membros das classes superiores por *tu* e que usavam este pronome como forma de tratamento entre si.

Na Língua Latina, ainda na forma de se dirigir ao ouvinte, uma outra modificação de tratamento social surgiu na estrutura dos pronomes pessoais: o uso de uma forma nominal conforme o grau maior de deferência para com o ouvinte. Esporadicamente, em condições especiais, o Imperador Romano não era tratado por *uos*, mas por *Uestras Maiestas* (“Vossa Majestade”) e o verbo, de que a expressão fosse sujeito, ficava na terceira pessoa do singular. Assim, no ato da comunicação era considerado as qualidades de *status* do Imperador como a sua eminência e majestade social. (Cf. CÂMARA JR., 1985)

Sobre as formas de tratamento na Língua Portuguesa, o certo é que

Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* [reflexo da forma latina *uos*] como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insuficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indireto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portuguesa, o atrevimento de vir perante um indivíduo de hierarquia superior, e olhar para ele face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou mimbo, real ou imaginário. Desta atenção, com que se magnificava e



lisonjeava a pessoa única, se originou o costume de empregar o plural *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, (...) Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. (SAID ALI, 1966, p.93)

Recuando no tempo para investigar sobre as formas de tratamento em uso do ponto de vista histórico, para ilustrar, de certa forma, o que foi citado acima, traçamos, aqui, um esboço das transformações ocorridas no sistema pronominal português.

Em Portugal, durante a Idade Média, o rei era tratado por *vós* porque não se distinguia dos outros nobres. Porém, a Europa começou a desenvolver mudanças econômicas, sociais e políticas, passando por uma reorganização, o que resultou na formação de uma nova classe social, a burguesia. Com as novas estruturas, a figura dos senhores feudais foi diminuída, aumentando a representatividade do rei e a crescente riqueza da burguesia fez com que esta competisse com a nobreza em termos de poder econômico e político. Assim, com essas transformações pelas quais passava a sociedade portuguesa pós-medieval, surgiram também mudanças no sistema de tratamento. Apresentou-se, então, a necessidade de devolver ao rei a sua posição de autoridade e, por isso, “a forma tradicional do tratamento formal (*vós*) não era mais considerada suficiente para marcar tal *status*. Assim, paralelas a essa forma tradicional, outras vieram a ser usadas com uma clara função diferenciadora.” (FARACO, 1996, p.58).

Alguns trabalhos sobre o uso de formas de tratamento baseados nas informações contidas nos mais antigos textos portugueses – atas de Cortes, crônicas e novelas de cavalaria, peças teatrais, cartas – (CINTRA, 1972; LOPES & DUARTE, 2003) atestam que nos fins do século XIII usavam-se os pronomes *tu* e *vós* como o verbo na segunda pessoa do singular ou do plural. Sendo que o *tu* era usado quando existia grau de intimidade ou confiança e, assim como no Latim, o *vós* era usado no tratamento distante ou de cortesia. Portanto, pode-se dizer, através das obras de Fernão Lopes, que, em Portugal, o rei, rainha e os nobres tratavam os seus vassallos por *vós* e era este mesmo tratamento que os vassallos empregavam quando lhes dirigiam a palavra. Depois, ao dirigir a palavra à realeza, passou-se a utilizar o tratamento indireto, isto é, nomes que significavam qualidade ou atributo. Essas formas de tratamento com a estrutura “Vossa + Nome” foram introduzidas na Língua Portuguesa no século XIV e, especialmente, no século XV. Conforme Santos Luz (1957, *apud* FARACO, 1996), a mais antiga das expressões nominais parece ser *Vossa Mercê*, cuja forma está registrada em textos das Cortes de 1331.

A forma *Vossa Mercê*, de origem ibérica, está relacionada a uma qualidade atribuída ao rei: a “mercê”, ou seja a sua generosidade, a proteção real. (Cf. CINTRA, 1972, p.19; FARACO, 1996, p.58) A expressão *Vossa Mercê* sofreu uma alteração de seu valor social, pois começou a ser usada no tratamento não íntimo entre iguais na aristocracia, que também costumava exigir este tratamento por parte das pessoas da classe social inferior. Desse modo, com a extensão do uso de *Vossa Mercê*, criou-se a necessidade de introduzir novas formas honoríficas para manter um sistema diferenciado de tratamento do rei. Algumas novas formas eram: *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*. (Cf. SAID ALI, 1966, p.93; FARACO, 1996, p.58) E como afirma Cintra (1972, p.47) “é com esta série de expressões que o pronome *vós* compete com o campo correspondente à cortesia, [...] Com elas se opõe ao *tu* de intimidade.”



Por meio dos escritos de Gomes Eanes de Zurara (cronista-mor da Corte) é percebida a ampliação e consagração do emprego das referidas formas nominais que pouco a pouco tinham sido introduzidas em Portugal e, com isso, percebe-se também a especificação dos tratamentos para cada camada social. Houve a publicação de leis que estabeleciam os limites do emprego de cada forma de tratamento para reduzir as “desordens e abusos” no modo de falar e de escrever de algumas pessoas e para manter a organização hierárquica da sociedade. (Cf. CINTRA, 1972, p.131-8) Vale a pena ressaltar que, coexistindo com o uso dos tratamentos nominais, o pronome *vós* ainda era possível como tratamento cortês e o *tu* era usado intimamente ou de superior para subordinado.

Sobre a forma de tratamento *você* no português, pode-se dizer que dos fins do século XVI e durante os séculos XVII e XVIII, já não era de tão bom grado ser tratado por *Vossa Mercê* como forma de cortesia por causa do uso crescente de *Vossa Senhoria* e de *Vossa Excelência* como formas associadas ao respeito e à deferência. Dessa forma, ainda para manter por meio das formas de tratamento um sistema de diferenciação hierárquica, o tratamento *Vossa Mercê* ficou para as pessoas não tão altamente colocadas na sociedade portuguesa e a transformação da forma *Vossa Mercê* para *você* se deu depois da ampla expansão do uso pela burguesia urbana e por outros níveis inferiores da estrutura social. Era de se esperar que, com o uso corriqueiro de *Vossa Mercê*, o processo de simplificação fonética produzisse um número significativo de formas paralelas² até originar o pronome *você*³.

Até o século XVIII, o *vós* era usado por e para todas as classes sociais, depois cai em desuso, sendo empregado apenas em certas ocasiões. Por isso, o lugar que o *vós* deixou vago no sistema pronominal foi preenchido por *você*, que inicialmente, teve o seu valor decaído, mas, aos poucos, foi assumindo a sua função como pronome. Como afirma Cintra (1972, p.36), “é preciso ainda notar que a perda do tratamento por *vós* e a sua substituição por um tratamento que conduzia o verbo para a 3ª pessoa foi certamente favorecida por uma tendência [da língua] para simplificar”. Assim sendo, a partir de fins do século XVIII e princípios do século XIX, os tratamentos de cortesia passam a ser feitos, definitivamente, a partir de formas nominais com o verbo na 3ª pessoa do singular, usando formas como *você*, *Vossa Excelência* e empregando outras formas como *o senhor*, *a senhora*, “*dona + Nome*”, *o meu pai*, *o João*, *a Maria*, *o meu amigo*, *o patrão*, etc. O emprego do pronome *tu* manteve-se. E o *vós*, para um único interlocutor, permaneceu como “reliquia” em orações cristãs, sendo que, em Portugal, usa-se ainda o *vós* como plural de *tu*, ainda que “*vocês*” seja mais frequente, para mais de um interlocutor.

Para concluir este esboço, pode-se afirmar que a estrutura dos pronomes e das formas de tratamento não se apresenta como algo estático, estando em constantes transformações do ponto de vista fonético/fonológico, morfológico, semântico e pragmático.

² Alguns exemplos das diversas transformações sofridas por *Vossa Mercê*, ao longo de seu uso, registradas por Wilhelm (1979, apud COELHO, 2007): *vacê*, *vãcê*, *vaçuncê*, *vainicê*, *vam'cê*, *vamecê*, *vancê/vancêis*, *vancês*, *vansmincê/vansmincês*, *vassemecê*, *vassucê*, *vassuncê*, *ocê/ocêis*, *oscê*, *ucê*, *vomecê*, *vormincê*, *voscê*, *vossancê*, *vossê*, *voss'mecê*, *voss'micê*, *vossuncê*, *voucê*, *vossa mecê*.

³ Cronologicamente, o primeiro texto escrito a ter a forma *você* é a obra “Feira de anexas”, escrito por Francisco Manuel de Melo e publicado em 1666. (MACHADO, 1967, p. 2319 apud FARACO, 1996, p. 63)



2. METODOLOGIA

Para Labov (1972), em uma comunidade linguística tanto fatores externos quanto internos podem influenciar a fala das pessoas. Desse modo, a fim de sistematizar a heterogeneidade da língua, ele propôs uma metodologia que, através de amostragens, identificasse a maneira como os diferentes grupos sociais, dentro de uma determinada comunidade de fala, se comportam linguisticamente. O presente trabalho segue esta metodologia laboviana, que é conhecida como Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, a fim de analisar e descrever a variação existente no uso pronominal de segunda pessoa *tu/você*.

Utilizou-se, para análise, um *corpus* com dados coletados em Feira de Santana, uma das mais importantes cidades do Estado da Bahia, situada entre a zona da mata e o sertão, no agreste baiano. Esta cidade, conhecida como “Princesa do Sertão”, foi emancipada em 18 de setembro de 1833, possui uma área de 111 km² e uma população urbana que conta com 431.458 habitantes. (Censo IBGE, 2000).

O *corpus* é constituído de 12 amostras de fala resultante de entrevistas realizadas com informantes de nível superior (universitários e graduados). Para tais entrevistas, foi utilizado um roteiro de perguntas e um conjunto de fotografias. A todo o momento, tentou-se minimizar o “paradoxo do observador” (Cf. TARALLO, 1997), por isso, nas conversas foram provocadas narrativas sobre experiências pessoais no trabalho, na família, entre amigos e na universidade com o objetivo de deixar o informante à vontade, podendo, assim, fazer emergir o vernáculo (no sentido laboviano) e os informantes eram solicitados a dar informações às pessoas-alvo representadas nas fotografias, assim como Mundim (1981) procedeu na pesquisa de campo de sua dissertação de mestrado, simulando, hipoteticamente, situações de abordagem para que os informantes interagissem e eliciassem formas de tratamento. Fez-se um levantamento das formas *tu* e *você*, tendo sido registradas 243 ocorrências no total.

Após a observação dos contextos de ocorrência da variação *tu/você*, como também de (re)análises das variáveis trabalhadas em outras pesquisas, os aspectos levados em consideração foram: Modo Verbal (Indicativo, Subjuntivo e Imperativo); Relação documentador/informante (Íntima e Não-íntima); Gênero (Masculino e Feminino); Faixa Etária (faixa I: de 22 a 29 anos, faixa II: de 30 a 45 anos, faixa III: 46 a 60 anos). Depois da codificação, todos os dados foram submetidos ao programa GoldVarb 2001, versão em *Windows* do VARBRUL, um *software* que quantifica a influência relativa de cada fator em relação a variável dependente e seleciona os grupos de fatores mais significativos. É necessário frisar que os fatores naturalidade e escolaridade foram previamente controlados, sendo que todos os informantes selecionados para a pesquisa são feirenses e não-feirenses chegados na cidade até os cinco anos de idade e também são de nível superior oriundos de instituições públicas e particulares.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Na primeira e definitiva rodada, observou-se que os fatores selecionados foram, seguindo a ordem de relevância, Gênero, Relação documentador/informante e Faixa Etária, sendo que o fator Modo Verbal, foi descartado pelo programa GoldVarb 2001. Na variação *tu/você*, evidenciou-se que, em um total de 243 ocorrências, o pronome *você* corresponde a 65% e o pronome *tu* a 34% das realizações. É importante salientar que o estudo observa o uso dos dois



pronomes na fala de pessoas com nível superior em Feira de Santana, porém considera-se o uso do *tu* como regra de aplicação. Eis os resultados.

Percebeu-se que o gênero do informante favorece mais a variação. A análise deste fator pretende verificar se homens e mulheres apresentam comportamento diferente em relação ao uso do pronome de segunda pessoa do singular. A Tabela 1 revela que as mulheres usam mais a forma *tu*, com peso relativo .85, do que os homens, peso relativo de .09, não confirmando a ideia descrita por Labov (1991) de que, em uma comunidade de fala, a tendência das mulheres, em situação de variação, é usar mais a forma de prestígio. Haja vista que em Feira de Santana o tuteamento é estigmatizado socialmente porque comumente o verbo fica na terceira pessoa. Desse modo, buscando uma explicação, pode-se dizer que este resultado está ligado ao fato de o uso do *tu* ser de natureza mais íntima e os homens empregam mais o pronome *você* que é mais genérico.

Tabela 1. Uso do TU em relação ao gênero do informante

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Masculino	10/105	9%	.09
Feminino	75/138	54%	.85
Total	85/243	34%	
Input .35		Significância .000	

Buscou-se observar o comportamento do informante quanto à escolha dos pronomes *tu* e *você* quando este interage com o documentador. Os resultados, que estão na Tabela 2, abaixo, corroboram a hipótese de que em ambiente formal/informal, em conversa com conhecido/desconhecido, o falante feirense tende a mudar a forma de tratamento para com o interlocutor. Assim, considerando a relação íntima e não-íntima entre o documentador e os informantes da pesquisa, tem-se o peso relativo de .72 e de .03, respectivamente.⁴

Tabela 2. Uso do TU segundo a relação documentador/informante

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Íntima	82/194	42%	.72
Não-íntima	3/49	6%	.03
Total	85/243	34%	
Input .35		Significância .000	

O fator idade também condiciona o uso das formas estudadas na cidade de Feira de Santana. Observou-se que a maior realização do uso do pronome *tu* está entre os falantes da faixa I, os jovens, com peso relativo de .50. Já os falantes mais velhos, por se preocuparem mais com a

⁴ Na etapa do levantamento de dados, percebeu-se a utilização majoritariamente do pronome de tratamento zero, ou seja, a ausência de marcação de pronome, pelos informantes não-íntimos quando estes interagiam com o documentador. Este fato pode ser confirmado na Tabela 2, observando a diferença do total das ocorrências dos pronomes *Tu* e *Você* entre os fatores relação íntima e relação não-íntima.



norma, são conservadores e não utilizam a forma *tu* com maior frequência por se tratar de uma variante estigmatizada socialmente pela não concordância da forma verbal de segunda pessoa. Ocorreu *KnockOut* com os dados da faixa III, ou seja, 100% de realização do pronome *você*. A Tabela 3, logo abaixo, apresenta a distribuição das variantes segundo a faixa etária.

Tabela 3. Uso do TU de acordo com a faixa etária do informante

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
22 a 29 anos (faixa I)	68/154	44%	.50
30 a 45 anos (faixa II)	17/58	29%	.49
46 a 60 anos (faixa III)	0/31	0%	---
Total	85/243	34%	
Input .35			Significância .000

Com efeito, a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, verificou-se que são os fatores sociais Gênero e Faixa Etária, juntamente com o fator discursivo-pragmático Relação documentador/informante, que influenciam na escolha do pronome *tu* em oposição a *você* em referência à segunda pessoa do discurso no falar feirense culto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado desta pesquisa, vale ressaltar que:

- verificou-se que os condicionadores para a variação no uso dos pronomes *tu* e *você* por falantes feirense de nível superior são, em ordem de relevância, Gênero, Relação documentador/informante e Faixa Etária;
- falantes do gênero feminino usam o *tu* com maior frequência que os homens;
- o pronome *tu* tende a aparecer predominantemente em conversas informais e em relacionamentos íntimos;
- o uso do pronome *você* entre os falantes cultos de 46 a 60 anos é categórico;
- percebeu-se que a variação *tu/você* é muito mais social que linguisticamente motivada;
- estima-se contribuir para uma melhor compreensão do comportamento linguístico feirense;

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora 'O Livro'. 1920.

BEARZOTI, P. **Como Tu virou Você**. In: Revista Discutindo Literatura. Ano 1, nº 2. p. 12-15, março, 2005.



CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CINTRA, L. F. L. *Sobre “Formas de tratamento” na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

COELHO, M. do S. V. **De Vossa Mercê a Cê no português brasileiro**: da gramática ao discurso. In: Caderno de Resumo do V Congresso Internacional da ABRALIN. Belo Horizonte: ABRALIN/UFMG, 2007. (Comunicação)

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1976.

FARACO, C. A. O tratamento Você em português: uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**. n° 13. Curitiba: UFPR, 1996. p. 51-82.

_____. **Linguística histórica**: uma introdução da história das línguas. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FIGUEIREDO, L. A. **Tu e Você no português afro-brasileiro**. Salvador: UFBA, 2005 (mimeo)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informação e documentação de Feira de Santana**. Feira de Santana: IBGE, 2000.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**. In: Language Variation and Change. Cambridge: Mouton, 1991.

LOPES, C. R. dos S. **O quadro dos pronomes pessoais**. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDRÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004a. p. 151-178.

_____. **Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamentos em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004b (mimeo)

_____; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (orgs.). **Análise contrastiva de variedades do Português**: Primeiros Estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, p. 61-76.

LOREGIAN-PENKAL, L. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. **Estudos Lingüísticos** XXXIV. p. 362-367. 2005.

LUCCA, N. N. G. 2005. A variação tu/você na fala brasiliense. Dissertação (Mestrado em Linguística) UnB: Brasília.



_____. **O estatuto do tu no português brasileiro.** *In:* Caderno de Resumo do V Congresso Internacional da ABRALIN. (Comunicação) Belo Horizonte: ABRALIN/UFMG, 2007.

MENON, O. P. da S. **Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinha da Ira.** *In:* Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-164, março de 2000.

MODESTO, A. T. T. 2006. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você em Santos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) USP: São Paulo.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes Pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil.** Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MUNDIM, S. S. M. 1981. **Formas de tratamento e vocativo no Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística) UERJ: Rio de Janeiro.

NASCENTES, A. **O tratamento de “você” no Brasil.** *In:* Revista Letras. Curitiba: Universidade do Paraná, n. 5-6, 1956, p. 114-12.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do tu à fala carioca. *In:* RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 160-169.

PEDROSA, J. L. R. **Concordância verbal com o pronome ‘tu’ na fala pessoense.** *In:* Anais do Congresso Abralín, 1999.

RAND, D.; SANKOFF, D. **GoldVarb:** a variable rule application for Macintosh. 1990.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001:** a multivariate analysis application for Windows. User´ manual. 2001.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa.** 6 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

SILVA NETO, S. da. **História da Língua Portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Ática, 1997.

TEIXEIRA, E. S. P. **Era uma vez Você.** 2002. Tese (Doutorado em Letras) UFBA: Salvador.

_____. **Tu e Você no português da Bahia no século XIX: por uma Lingüística Sócio-histórica.** *In:* A Cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana – nº 7. Feira de Santana: UEFS, 2006. p. 53-63.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa.** Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



VANDRESEN, P.; BRISOLARA, L. B. **Concordância variável do pronome ‘tu’ na fronteira sulriograndense.** *In: Anais do Congresso Abralin, v. 2, 2001.*